

Mulheres do Poti: transformação cerâmica e representações femininas no Poti Velho, Teresina, Piauí

Alexandre Navarro

Universidade Federal do Maranhão
São Luís - Maranhão - Brasil
altardesacrificios@yahoo.com.br

Amanda Lima da Silva

Universidade Federal do Maranhão
São Luís - Maranhão - Brasil
amandalima7728@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe compreender as transformações cerâmicas do Poti Velho e representações femininas nas peças de barro da COOPERART-Poty, em Teresina, Piauí. Para realizar o estudo fizemos uso da metodologia oral, jornais e fotografias, além de pesquisa de campo para o acesso aos objetos cerâmicos. Procuramos entender que transformações ocorrem na cerâmica do Poti Velho, além das relações existentes entre identidade cultural, memória social e a cultura material. Percebemos que as peças se modificam na medida em que as mulheres dominam o trabalho cerâmico e que desenvolvem um trabalho que mostra suas identidades, memórias e histórias de vida enquanto grupo social. O conjunto de peças cerâmicas das Mulheres do Poti representa as mulheres habitantes do Poti Velho: a oleira, a ceramista, a pescadora, a religiosa e a das contínuas.

Palavras-chave: Mulheres. Cerâmica. Representações. Teresina.

Introdução

O artigo procura compreender as transformações cerâmicas e representações femininas nas peças de barro do Poti Velho. O grupo estudado é da Cooperativa de Artesanato do Poti (COOPERART-Poty) composto por 30 mulheres. O recorte temporal é da década de 1960, quando começa a extração de argila para produção cerâmica na região do Poti Velho, até a atualidade. Utilizamos a metodologia oral, que nos possibilita o acesso às memórias dos agentes históricos ainda no presente.

Para esse estudo, entrevistamos sete mulheres que trabalham com a cerâmica na cooperativa para entendermos a relação de suas trajetórias de vida com as peças cerâmicas fabricadas manualmente. Também usamos jornais e fotografias cedidas pela

ex-presidente e fundadora da instituição Raimunda Teixeira da Silva (2019), para compreender o contexto de mudanças na cerâmica que ocorrem ao longo do tempo.

Que transformações podem ser observadas na cerâmica produzida no bairro Poti Velho? Que representações femininas as mulheres da COOPERART-Poty moldam no barro? E que relações são observadas entre sua identidade social, memória coletiva com a cultura material? Para entender essas questões, temos que entender o campo de estudo, o bairro Poti Velho.

O bairro entre dois rios

O bairro Poti Velho está localizado na zona norte de Teresina, no Piauí, próximo ao encontro dos rios Poti e Paranaíba. O cotidiano dos habitantes está ligado tradicionalmente aos rios em suas práticas econômicas e socioculturais locais. A pesca, a produção cerâmica, a tradição de religiosidade e as lendas¹, se desenvolvem em uma relação povo-rios.



Figura 1: Região centro-Norte. Bairro Poti Velho está marcado em vermelho.

Fonte: SEMPLAN, perfil dos bairros, Poti Velho, 2018.

Na metade do século XIX, o administrador da Província do Piauí José Antônio Saraiva, conhecido como Conselheiro Saraiva, decidiu mudar a capital de Oeiras para outra região. A iniciativa preconizava que a comunicação com outras localidades do Piauí fosse facilitada e “[...] ele próprio, optou em promover a mudança da capital, justificando

¹ O Cabeça-de-Cuia é uma das principais delas. A lenda está ligada a origem de Teresina. Para mais informações sobre a lenda ver também Magalhães (2011, p. 151).

que a mesma haveria de produzir a navegação do rio Parnaíba” (GANDARA, 2011, p. 93).

Inicialmente, foi cogitada a mudança para a Vila do Poti², visto que a região já era habitada e desenvolviam comércio local. No entanto, Saraiva se preocupou com os alagamentos constantes que afetavam a região e com as doenças que se proliferavam em decorrência dessa situação. No ano de 1852 foi decretada a instalação da nova capital para a Chapada do Corisco, situada em uma região mais alta e mais próxima ao rio Parnaíba.

Muitos habitantes da Vila do Poti se mudaram para o novo foco habitacional, outros permaneceram. Nesse sentido, a Vila do Poti passou a ser chamada de Vila Velha do Poti, enquanto a localidade de instalação da capital recebeu o nome de Vila Nova do Poti.

No período de sua formação, Teresina cresceu rapidamente; pois dois anos depois de fundada, a cidade já contava com uma população de cerca de 8.000 habitantes. Esse crescimento foi estimulado pelo aforamento dos terrenos situados nas ruas planejadas, ficando muitas famílias com a área de uma quadra inteira para suas residências (LIMA, 2002, p. 4).

Com o crescimento de Teresina, o bairro Poti Velho passou a receber a população de camadas sociais mais baixas. O contexto natural permitia o amadurecimento de atividades de subsistência e pequeno comércio tendo em vista a superação da pobreza. Francisco A. do Nascimento (2015, p. 38), comenta que a modernização de Teresina foi socialmente excludente. Nas áreas centrais “em Teresina, aqueles que não podiam construir casas e cobri-las de telhas foram obrigados a morar na área rural da cidade”.

O Poti Velho permanece um bairro de moradias simples, mas até 2006 havia moradias e oficinas de trabalho cerâmico ainda mais precárias, feitas de barro e cobertas de palha, por vezes, telhas, se distanciando das construções modernas centrais. Os moradores locais sofreram um processo de marginalização social que está relacionado à valorização de novas áreas da cidade, a partir de um ideal administrativo de urbanização e crescimento. Raquel Rolnik (1995, p. 42) comenta que,

É como se a cidade fosse um imenso quebra-cabeças, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece seu lugar e se sente um estrangeiro nos demais. É a este movimento de separação das classes sociais e funções no espaço urbano que os estudiosos da cidade chamam de segregação espacial.

² Atual bairro do Poti Velho.

O bairro Poti Velho se diferencia de outras realidades contidas na trama da cidade de Teresina pela cultura popular, pela relação de seus moradores com o aproveitamento das riquezas naturais e tradição simbólica pautada na crença ligada aos rios. A manufatura de objetos com o barro surgiu nesse contexto e contribuiu significativamente para transformações que ocorreram na paisagem do bairro, econômicas e sociais, de muitos moradores. As mulheres são figuras que emergem nesse processo de transformação.

As mulheres Potienses

As mulheres do Poti Velho que estudamos tiveram seu primeiro contato com o barro ao trabalharem nas olarias. As olarias eram locais a céu aberto, próximo a lagoas, onde ocorria todo processo de produção manual de tijolos, usando a argila disponível nessa região que hoje é o bairro Olarias. O bairro “[...] recebeu esse nome em função da atividade de extração e beneficiamento de argila” (PORTELA, 2005, p. 67). Lá se dava forma ao barro, a queima em fornos, a secagem com exposição ao sol e estocagem dos tijolos.

Na região onde se dava o trabalho oleiro, “a área total era de 90 hectares, dos quais apenas 53 pertenciam ao Poder Municipal. Foi nos 53 hectares que se desenvolveu a produção oleira” (PORTELA, 2005, p. 67). Mas muitas pessoas se apossaram do território como donos e exploravam o trabalho de homens, mulheres e crianças. Mencionando o Plano de produção da cooperativa de oleiros de 1986 da Prefeitura Municipal de Teresina, Ana Maria de Lima (2011, p. 86) comenta que,

[...] o comércio de tijolos crescia em Teresina e passou a representar uma parte importante na composição de renda das famílias. Tal comércio estimulou a ganância de pessoas mais abastadas e de fora do bairro a se apropriarem desse espaço e assumirem o papel de donos, utilizando uma mão de obra barata e sem oferecerem nenhuma garantia trabalhista aos verdadeiros oleiros ou aos que já trabalhavam com essa atividade anteriormente.

As olarias representavam a substância de sobrevivência de muitas famílias, mas ofereciam condições de trabalho precárias. Segundo os relatos das nossas entrevistadas, os homens trabalhavam na produção direta de tijolos de barro enquanto as mulheres e crianças comumente atuavam carregando os tijolos do local de produção para o local de estocagem. O documento do Perfil do Trabalhador em Olarias do Mafrense, do SEBRAE, de 1994, descreve a função:

[...] o carregador seria responsável pelo transporte e condução dos tijolos/telhas crus do lastro para o local em que seria construído o forno e, depois de assados, desempilhá-los-ia colocando-os sob a forma de fiadas, atividade feita geralmente por mulheres (PORTELA, 2005, p. 73).

De modo geral, as mulheres que estudamos relataram ter começado a trabalhar como carregadoras de tijolos nas olarias muito antes dos 15 anos de idade, levadas por algum parente, geralmente suas mães. Esta iniciativa era reflexo da necessidade que se desdobrava em pelo menos duas características: a sobrevivência e a complementação da renda.

Na década de 1960, foi “Raimundo Nonato da Paz, ou simplesmente ‘Raimundo Camburão’ que, após ter morado em Rosário do Maranhão, retornou a Teresina trazendo a arte de manejar o barro, que conheceu na antiga cidade” (LIMA, 2011, p. 88). Ele passou a produzir outros objetos de barro a partir de técnicas de modelagem manual. Alguns moradores aprenderam e se inseriram na atividade. De acordo com as mulheres que entrevistamos, inicialmente a maior parte de fabricantes de peças cerâmicas eram homens. Naquele momento, “o primeiro trabalho foi o de confecção de potes, que eram vendidos para moradores das áreas adjacentes; em seguida foram acrescentados outros produtos à sua produção, a exemplo de jarros e filtros” (LIMA, 2011, p. 88).

Nesse sentido, na modelagem de potes, filtros e utilitários, a participação feminina não era direta, mas algumas começavam a se inserir atuando em posições secundárias influenciadas por familiares, como na pintura cerâmica. Elas pintavam as peças criadas por seus maridos, em outros casos, por seus vizinhos, e organizavam os objetos para a venda. “Havia alguns casais que trabalhavam juntos: os maridos produziam os jarros e as mulheres pintavam” (SILVA, 2011, p. 16).

Como demonstra o relato de Raimunda Teixeira Silva (2019, s/p.):

[...] quando a gente criou a associação começou a vim os cursos e as mulheres começaram a participar, aí foi aumentando a participação da mulher, mas só que a mulher ficava mais só pintando, tomando de conta da venda não metia a mão na massa [...].

A narrativa de outra trabalhadora que entrevistamos reforça que, no final da década de 1990, a inserção das mulheres na confecção de objetos cerâmicos se deu por meio da pintura de peças de barro:

[...] a Raimunda começou na questão da pintura da cerâmica, aí aos poucos ela foi me chamando pra “mim” ajudar ela a pintar [...] aí mesmo eu trabalhando na olaria, como a renda era pouca, eu fazia pano de prato, pintura, bordado. E aí ela começou a me chamar pra mim vim ajudar ela a pintar [...]. (NASCIMENTO, 2019, s/p.).

A partir desses relatos observamos que, como fabricantes diretas de objetos cerâmicos, as mulheres se integraram nessa atividade de modo gradual. A modelagem do barro ainda não era fruto da subjetividade feminina já que participavam apenas do processo de pintura e venda. Essa realidade de exclusão da fabricação de peças cerâmicas contrastava significativamente com a realidade de carregar tijolos nas olarias, cuja mão-de-obra feminina nessa atividade era intensa.

Em 1998, “[...] os artesãos organizaram-se politicamente criando a Associação dos Artesãos em Cerâmica do Poti Velho – ARCEPOTI” (SILVA; SCABELLO, 2013, p. 76). Em 2002, “ao todo, 76 artesãos trabalhavam no Poti Velho, mas apenas 36 pertencem à associação” (SERSE..., 2002, p. 3). Os homens representavam maioria no trabalho de manufatura cerâmica, mas os interesses da ARCEPOTI passaram a ser representados por Raimunda Teixeira Silva, popularmente, Raimundinha, que já havia iniciado na fabricação cerâmica e foi “[...] Secretária, Tesoureira, Vice-presidente e Presidente por quatro anos” (SILVA, 2011, p. 17). Raimunda relata: “[...] nesse tempo a produção só era mais era homem, [...] nesse tempo que eu entrei só tinha 2 mulheres” (SILVA, 2019, s/p). Mas com a criação da associação esse número foi aumentando.

Anos mais tarde, “[...] o Polo Cerâmico Artesanal do Poti Velho foi inaugurado em 12/10/2006” (MONTE, 2016, p. 79). Na paisagem do bairro, a avenida principal passou a ser composta por cerca de “[...] 28 lojas, que tiveram origem após a divisão de alguns espaços anteriores, cada uma com um *showroom*, oficina, forno individual e estacionamento” (MONTE, 2016, p. 80). Então, as mulheres da cooperativa ocuparam um galpão no polo cerâmico. Hoje em dia, as lojas são alugadas pelo poder público para a realização do trabalho ceramista, visto que “o terreno foi adquirido pela Prefeitura Municipal, em 2004” (MONTE, 2016, p. 79). Já a construção do polo cerâmico foi financiada pelo Governo do Estado do Piauí.

A maior participação das mulheres na manufatura cerâmica modelando o barro aconteceu por volta de 2004: “Em 2004, conseguimos, por meio da Arcepoti, um curso de modelagem e de bijuterias em cerâmica para 27 mulheres da comunidade” (SILVA, 2011, p. 17). Nesse sentido, a entrada expressiva feminina na atividade de produção se deveu, em parte, à criação da ARCEPOTI e às iniciativas que a associação desenvolveu com instituições como SEBRAE, Universidade Federal do Piauí (UFPI), através do projeto INART (Incubadora de Artesanato Artístico de Teresina) que iniciou em 2001, e “[...] cuja missão era apoiar o fortalecimento do artesanato do Piauí proporcionando o

despertar do empreendedorismo, a geração de emprego e renda e a adequação de novas tecnologias, respeitando o meio ambiente” (LIMA, 2011, p. 90).

Isso fez com que as mulheres se interessassem pela produção cerâmica com a promoção de cursos com novas técnicas de fabricação de peças. Vale ressaltar que isso ocorreu, também, devido ao incentivo de Raimunda Teixeira da Silva à frente dos interesses da associação como mulher, o que possibilitou visualizar oportunidades de engajamento e crescimento feminino com a manufatura de objetos cerâmicos.

Além disso, percebemos outros fatores que motivaram as mulheres a se inserirem na fabricação cerâmica nesse período. A necessidade de deixar o trabalho desgastante carregando tijolos para se dedicarem a um trabalho que lhes ofereciam mais flexibilidade, pois o trabalho de produção cerâmica podia ser realizado em suas próprias casas e era comum usá-las para a comercialização. Também porque a atividade de fabricação de peças de barro ganhava visibilidade, essa “[...] visibilidade artesanal do Poti começou em dezembro de 1996, com a inauguração do “Parque Ambiental Encontro dos Rios”, que fica no mesmo bairro” (LIMA, 2011, p. 89). O parque se tornou ponto turístico da região, nesse contexto, a exposição de peças cerâmicas no local se configurou como uma oportunidade de aumentar a renda.

Ademais, tinha-se a situação de muitas mulheres no Poti se revezarem entre as olarias, a feira, as atividades domésticas e outros trabalhos informais. Além de obterem rendas inferiores à masculina, as olarias eram um exemplo dessa desigualdade. “Eu ganhava R\$ 2,50 para cada milheiro de tijolos que carregava. No máximo, por dia, eu conseguia carregar dois mil tijolos. Eu ganhava muito pouco!” (SILVA, 2011, p. 16). Portanto, quando as mulheres saíram das olarias, onde carregavam tijolos, e passaram a se concentrar no trabalho de produção de objetos cerâmicos, isso fez com que elas desenvolvessem a necessidade de uma organização que compreendesse os interesses femininos.

As mulheres que trabalhavam com cerâmica se juntaram e “em 2006, foi criada a Cooperativa de Artesanato (COOPERART-Poty), composta somente por artesãs” (MONTE, 2016, p. 54). Segundo uma das fundadoras e ex-presidente da cooperativa Raimundinha Teixeira, a fundação uniu mais de trinta mulheres no trabalho com a cerâmica. Elas integraram uma iniciativa que buscou oferecer estabilidade no trabalho cerâmico para a mulher, autonomia na fabricação de peças e para facilitar o acesso ao conhecimento de novas técnicas de produção, buscando o apoio de instituições públicas

como o SEBRAE, Fundação Wall Ferraz, que ofereceram cursos de modelagem, montagem, de continhas, cooperativismo, e etc.



Figura 2: Fachada da Cooperativa de Artesanato do Poti Velho (COOPERART-Poty).

Fonte: Google Maps, 2012.

Cabe ressaltar que os homens continuaram atuando na produção cerâmica, participaram dos processos de transformação ocorridos no contexto espacial e de produção, e com a construção do polo eles também passaram a ter suas lojas. No entanto, os relatos de nossas entrevistadas demonstram que a onda de cursos trazida pelo SEBRAE nos primeiros anos de 2000 atingiu, sobretudo, o público feminino, fazendo com que sua representatividade aumentasse frente ao trabalho de produção cerâmica.

Nesse sentido, a iniciativa da COOPERART-Poty voltada apenas para mulheres, fez com que mais delas procurassem integrar o trabalho de fabricação cerâmica na cooperativa. Isso mudou o protagonismo da manufatura com o barro e buscou incentivar o fortalecimento e melhoria do trabalho cerâmico feminino, oferecendo local de produção e oportunidades de aprendizagem.

A COOPERART-Poty surgiu também como estratégia de desenvolvimento econômico feminino. Com a construção do polo cerâmico, a região passou a receber turistas com maior frequência, mas muitas mulheres não tinham condições de alugar uma oficina. Segundo as mulheres entrevistadas, ao entrarem na cooperativa, elas cobriam as despesas do local coletivamente, ganhando por cada peça vendida. Além das peças individuais, o grupo se uniu para elaborar peças cerâmicas de sentido coletivo para as mulheres e modelaram suas histórias de vidas, memórias e identidades no barro.

COOPERART-Poty: cerâmica e representações femininas

Com relação à origem do uso da argila na região, o início da extração é impreciso, [...] não há registro documental sobre essa atividade até meados do século XX. Com base nos depoimentos dos oleiros mais antigos da região, “estima-se que a exploração de argila nessa área ultrapasse os 50 anos” (PORTELA, 2005, p. 67). Atualmente, a argila é retirada em lagoas próximas ao bairro Poti Velho por terceiros e vendidas para as ceramistas. A extração segue o ritmo natural do ambiente, já que em períodos chuvosos a frequência de retirada é reduzida devido a quantidade de água nas zonas de extração. A situação faz com que as ceramistas mantenham estoques de argila em períodos como esses para garantir a produção.

A manufatura de objetos cerâmicos de 1960 aos primeiros anos de 2000 foi marcada pela predominância de potes e filtros de armazenamento de água, que se desenvolvia de forma bastante marginal (Figura 3). Nesse período o polo cerâmico ainda não havia sido construído, “até então, artesãos do bairro utilizavam suas próprias casas [...] como oficinas e lojas, sem estruturas adequadas” (MORAES; MONTE, 2016, p. 279). Em outros casos, os processos de produção ocorriam em barracões feitos de taipa, argila e cobertos com palha, por vezes, telhas. Essa frágil construção não possuía divisão de espaços de trabalho para a realização das etapas do trabalho: modelagem, queima, secagem, venda.

As mulheres que entrevistamos relataram terem começado a criar peças de barro trabalhando nos quintais de suas casas, onde depositavam um torno e passaram a modelar. Depois os objetos cerâmicos eram expostos para a venda na frente de suas casas. Nesse momento, ainda não era possível viver apenas da venda de objetos cerâmicos e muitas mulheres que viriam a integrar a COOPERART-Poty ainda trabalhavam carregando tijolos ou em outras funções, como donas de casa, domésticas, pequeno comércio e etc.



Figura 3: Potes de barro expostos para a venda na frente da casa.
Fonte: Arquivo pessoal Raimunda Teixeira da Silva.

Em fotografias do bairro Poti Velho é possível visualizar muitas peças de barro, a grande maioria potes e filtros crus, na frente de casas comuns e dos antigos barracões expostas para a venda. No jornal Meio Norte, publicado em fevereiro de 2002, observamos que muitos ceramistas dependiam da renda obtida com a venda de potes e filtros. A matéria do jornal Meio Norte (SERSE..., 2002, p.3) aponta que houve uma queda na venda de produtos ocasionada pelas chuvas que prejudicaram o desempenho de vendas dos trabalhadores do barro. Para suprir a baixa de vendas, 2 mil potes foram encomendados e vendidos para o Serviço Social do Estado (Serse) fornecendo renda para 36 associados da ARCEPOTI. Verificamos que esses objetos compreendiam a maior parte da produção cerâmica do Poti Velho naquele momento.

As peças de barro eram voltadas para o uso cotidiano e doméstico. A maioria dos objetos eram simples, não possuía formatos complexos, sendo majoritária a produção de peças cruas, chamadas assim por não serem coloridas com tinta. De acordo com a Arqueologia, era comum nas sociedades pré-históricas e indígenas a produção de objetos cerâmicos voltados para o dia-a-dia, ou seja, eram de uso doméstico,

Os primeiros oleiros manufacturavam os vasilhames que eram usados para cozinhar, estocar comida e guardar água ou outros líquidos. Posteriormente, o emprego de objetos de argila queimada na vida cotidiana se diversificou e eles passaram a ser fabricados para uma infinidade de propósitos, como vasos cerimoniais ou decorativos, urnas funerárias, bandejas, garrafas, lamparinas, ídolos, adornos, brinquedos etc. (BARRETO, 2010, p. 171).

É bastante comum uma comunidade perpetuar a produção cerâmica a partir das técnicas tradicionais desenvolvidas em seu grupo. Esse aspecto diz muito sobre seu desenvolvimento social. A tradição cerâmica do Poti Velho permaneceu por pelo menos

cinco décadas concentrada na produção de potes e filtros a partir de técnicas passadas de uma geração para outra, produzindo objetos cuja finalidade se voltava para a necessidade cotidiana, sinal de que as práticas de trabalho, o espaço e relações cotidianas pouco se transformaram no bairro ao longo de cinquenta anos, mesmo com a cidade de Teresina crescendo e se modernizando.

Observamos que, ao longo desse período, a manufatura cerâmica era dominada pelos homens, sendo a presença feminina na modelagem do barro ainda tímida. Quando elas assumiram a atividade de produção de objetos de argila, foram elas quem encabeçaram a luta por melhorias das condições de trabalho e da cerâmica do Poti Velho, que resultaram na construção do Polo cerâmico, na formação da COOPERART-Poty e em novos modelos cerâmicos.

A frequência feminina na participação de todos os processos da produção cerâmica transformava o significado do labor e ao barro modelado por suas mãos. No ano de 2007, o jornal Diário do Povo comentou o crescimento de vendas cerâmicas no Poti velho devido às melhorias dos produtos (VENDAS..., 2007, s/p.). Outra matéria do jornal Meio Norte publicada no ano de 2008, informou que as mudanças aumentaram a produção cerâmica (MUDANÇAS..., 2008, p. d2). Em 2009, outra matéria escreveu que a cooperativa fortaleceu o trabalho de mulheres no polo cerâmico do Poti (COOPERATIVA..., 2009, p. d3). Essas mudanças têm relação com as novas formas de fazer cerâmica.

A criação da COOPERART-Poty, unindo mais de 30 mulheres em 2006, que acompanhou a construção do polo cerâmico, transformou o trabalho cerâmico, a cultura material e a intenção desses objetos de barro. Por isso, tanto as novas técnicas apreendidas por elas, quanto a forma que se organizaram no trabalho revelaram como suas experiências de vida se refletiam no objeto final.

Os artefatos concentram em si subjetividades, intencionalidades e, portanto, agência, compreendida como a substância fixada no artefato por meio do ato de sua produção e criação, possibilitando a intersecção de suas partes materiais e imateriais, na forma como aparece aos sentidos e se impõe à cognição. Argumento que os artefatos, enquanto agentes relacionais e interacionais, parecem carregar em si o empenho e a atividade humana despendida no ato de sua concepção, traços de intencionalidade que são impressos em sua forma (BORGES, 2017, p. 35).

Nesse sentido, a cerâmica não é apenas um objeto feito a partir do barro. As peças carregam elementos da experiência daqueles que as fabricaram. Há uma intencionalidade, uma história que se conta no objeto cerâmico e pode ser lida. A cultura material é uma manifestação do cotidiano, das experiências dos sujeitos que o produzem,

traz referenciais do modo de viver, de fazer, de entender e dar sentido ao mundo. A cerâmica das mulheres Potienses é carregada de intencionalidade, de memória e identidades. Segundo Stuart Hall (2001, p. 38),

[...] a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”.

Para Hall (2001, p. 85), a identidade é móvel e se ressignifica no presente, podendo ser uma forma de estratégia de grupos tradicionais para se localizar no contexto social e manter a coesão do grupo: “O fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas”.

As identidades femininas da cooperativa são expressas nas mudanças do processo de trabalho e na intenção das peças cerâmicas em que passam a ser abundantemente figuras femininas. As peças de barro das mulheres do Poti Velho deixam de se concentrar na manufatura de potes e filtros e agora produzem colares, ornamentos decorativos, animais e uma predominância de corpos-rostos de mulheres, etc., além disso, as peças de barro recebem cores quentes e diversificadas com mais frequência.



Figura 4: Cerâmicas da COOPERART-Poty.
Fonte: Arquivo pessoal Amanda Lima, 2017.

A cerâmica da COOPERART-Poty, enquanto cooperativa formada apenas por mulheres, é marcada pela criação das bonecas decorativas denominadas Mulheres do Poti (Figuras 5 a 9), composta por cinco peças feitas de argila com traços femininos modeladas manualmente pelas mulheres: A oleira, a ceramista, a religiosa, a pescadora e a das

continhas. As bonecas foram criadas por elas na intenção de representar as mulheres que habitam e trabalham no Poti Velho.

Segundo Roger Chartier (1991), as representações coletivas são constituídas pelas práticas do mundo social dos diferentes grupos da sociedade. A relação com esse mundo social pelas representações coletivas se dá de três formas: em uma relação de força entre grupos sociais diferentes e por formas institucionalizadas encarregadas de representar grupos, comunidade ou classe, sendo que essas duas formas sintetizam

[...] a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma (CHARTIER, 1991, p. 183).

A terceira forma mencionada por Chartier (1991, p. 183) é a que fundamenta melhor nosso estudo, uma vez que “[...] as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exhibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição”. Para o autor, esse tipo de relação entre identidades sociais e representações coletivas

[...] considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade (CHARTIER, 1991, p. 183).

Esse fenômeno das representações sociais também está ligado ao processo de organização das memórias pelo grupo social. Significa que os sujeitos compartilham memórias vivenciadas coletivamente e elas são referenciais para a formação de suas identidades, podendo ser observadas na forma como representam para si e para o mundo, através de variadas formas de expressão.

O sociólogo Maurice Halbwachs (2003), comenta sobre a relação de memória coletiva com as representações. Uma vez que se referem às ações sociais, a representação está sempre ligada ao tempo e ao espaço dos sujeitos, por isso, o pensamento coletivo explica as relações de grupos sociais a partir dos mecanismos de representação. “A partir daí compreendemos melhor que a representação das coisas evocada pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas” (HALBWACHS, 2003, p. 61).

Entendemos que a verificação das memórias de mulheres do bairro Poti Velho, a partir da metodologia oral, também é um recurso importante para compreender as representações femininas nas cerâmicas produzidas por elas. Na prática do trabalho cerâmico feminino da Cooperart-Poty há ligação com as experiências de vida que as

mulheres compartilharam e propiciaram a organização de suas memórias e identidades, daquilo que querem lembrar e repassar ao mundo externo como reflexo de suas vivências coletivas.

Em sua teoria psicossocial, Halbwachs (2003) escreve que a memória coletiva é um fenômeno que influencia o cotidiano das escolhas e interesses dos sujeitos presentes em um grupo social. Sendo assim, as memórias que os sujeitos produzem de determinada realidade social estão associadas às suas práticas do presente. Entendemos que o fenômeno da memória coletiva é um elemento da construção histórica de um grupo social, marcando suas relações, interesses e ações no presente.

Michael Pollak (1992) aponta que as relações de formação e organização social de um grupo está intimamente ligado à construção identitária e isso requer um processo contínuo de organização da memória e, quando necessário, uma reorganização para manter o grupo nas lutas sociais. Pollak (1992, p. 05) comenta que a questão identitária na relação dos grupos sociais também está ligada ao fenômeno das representações que ocorrem “[...] para si e para os outros. Isto é, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”.

Por isso, a atividade de produção cerâmica da COOPERART-Poty se apresenta como um trabalho de memória de via dupla: as peças de barro contextualizam o bairro Poti Velho historicamente, perpetuam imagens identitárias de suas habitantes e também se refletem como uma estratégia de manutenção da coesão social e de suas identidades coletivas, associado ao sentimento de pertencimento e luta pela memória. Os elementos observados na cerâmica das mulheres Potienses são moldados como forma de lembrar e escrever sua história e sua cultura.

Mulheres do Poti

De acordo com as mulheres entrevistadas, as bonecas de barro do conjunto Mulheres do Poti representam as mulheres que habitam o bairro Poti Velho. As peças trazem elementos que contextualizam suas histórias de vida como moradoras da região “entre rios”, além disso, refletem as imagens identitárias de como se reconhecem na fragmentação e diversidade do meio social. “Que essas bonecas que representa nós, nós queríamos uma coisa que representasse nós, aí veio a questão das bonecas, aí a gente aderiu às bonecas” (SOUSA, 2019, s/p.).

Cada peça de barro do conjunto Mulheres do Poti possui características comuns, ou seja, que podem ser observadas em todas as bonecas fazendo com que identifiquemos suas características femininas como parte do conjunto que representa as mulheres do Poti Velho, como saia em forma arredondada, braços, cabeça, e predominância da coloração da peça crua e branco ou tons acinzentados.

Características específicas são os elementos que diferenciam as peças uma da outra, que cumpre a função de representar as mulheres. Cada uma das cinco bonecas de barro carrega nas mãos ou no colo um elemento que representa a identidade social das mulheres moradoras e trabalhadoras do Poti: a oleira, um tijolo; a ceramista, um pote; a pescadora, um peixe; a religiosa, um terço; a das continhas, pequenas esferas.

Qualidades variáveis surgem na peça partindo da experiência pessoal e da técnica de cada ceramista no labor com o barro. O trabalho manual se expressa de modo particular nas peças e permite que cada ceramista aplique elementos de modo único. Mesmo que seja produzida a partir de referenciais comuns, uma peça apresenta em seu processo de produção, nas formas, nos desenhos, nas cores, particularidades do sujeito que a fabricou. Por isso, nas Mulheres do Poti, geralmente nas saias, observa-se: desenhos de espirais, círculos, retângulos vazados, fitas, cordas, esferas, e etc.

Neste momento, temos a oportunidade para produzir uma reflexão sobre a arte produzida por essas mulheres; isto é, o seu conceito na história delas, a sua significação e o fenômeno social. Isso pode eventualmente dar origem ao objeto cerâmico (BORGES, 2017, p. 184).

Aqui merece menção a fabricação de bonecas de cerâmica. O conjunto destes artefatos é um reflexo de vivências, memórias e do cotidiano desse grupo social. Esses objetos feitos a partir da matéria prima disponível na região contam histórias do povo que as fabrica. Transmite uma linguagem que pode permitir o conhecimento da cultura local e das experiências de vida compartilhadas por essas mulheres na extensão do bairro.

[...] espelho de sua comunidade. As peças transmitem mensagens ligadas às raízes culturais, são respostas cristalizadas que representam ou representaram formas rotineiras de vida e podem ser a chave para a obtenção de conhecimentos certos sobre o homem na longa jornada de sua evolução (MARTINS, 1976, p. 12 *apud* COSTA, 2008, p. 129).

Observando os traços de objetos cerâmicos, há a possibilidade de se perceber as transformações ocorridas em determinada comunidade, já que a indicação de mudança nas formas de fazer pode indicar novos retratos das práticas sociais e da percepção da cultura. No Poti Velho, isso fica evidente quando a produção cerâmica simples composta por potes, filtros, jarros cede lugar a peças com maior diversidade de formas e cores.

Com relação às mulheres que estamos estudando, a existência do conjunto de bonecas Mulheres do Poti pode ser lido como reflexo de mudanças na paisagem do bairro, com a construção do polo cerâmico onde se estabeleceram, ou da instrução de novas técnicas. Mas, principalmente, as peças dizem sobre a consciência das identidades sociais dessas mulheres construídas por suas práticas e fortalecidas quando se uniram na COOPERART-Poty com objetivos comuns. Dizem respeito, portanto, às suas intenções, como se veem na sociedade e como querem ser vistas, uma relação entre experiências, expectativas e memórias.

A COOPERART-Poty, quando surgiu para incentivar o trabalho feminino, implicou em um processo de identificação entre as mulheres trabalhadoras do barro do Poti Velho e a formação de uma identidade comum enquanto grupo. Como resultado disso, as peças cerâmicas Mulheres do Poti

[...] são produzidos e utilizados por um determinado grupo social e caracterizado como sua “cultura material”. Os artefatos produzidos pelo ser humano representam muito mais do que sua própria materialidade, pois sua existência está relacionada às situações vividas pelas pessoas. Os objetos por meio das relações sociais em que estão envolvidos adquirem significados que estariam relacionados tanto nos aspectos funcionais do produto, quanto nos valores simbólicos a ele atribuídos (BORGES, 2017, p. 35).

Por isso também pensamos os objetos de barro como uma forma do grupo social de se comunicar com outros grupos. A cerâmica está atravessada por subjetividades e intenções que adquirem significado nas práticas sociais. A cultura material expressa no conjunto das Mulheres do Poti nos ajudará a compreender melhor os significados e representações de que falam as trabalhadoras ceramistas da COOPERART-Poty em suas peças. A seguir, iremos observar as narrativas das mulheres a partir de entrevistas orais sobre a representação de cada boneca de barro produzida por elas.

A mulher oleira



Figura 5: A mulher oleira.

Fonte: Arquivo pessoal Amanda Lima, 2019.

A cerâmica que representa a mulher oleira do Poti carrega nas mãos o tijolo. A maioria das mulheres da COOPERART-Poty tiveram como sua primeira atividade com o barro o trabalho de carregar tijolos nas olarias. Nas olarias ocorria todo o processo de produção de tijolos de argila, lá se concentrou intensa mão-de-obra feminina e de crianças e adolescentes carregando tijolo, geralmente, na cabeça. Elas forravam a cabeça com uma tábua e um tecido, então depositavam os tijolos que eram levados do forno para o estoque. “Aí tem a oleira que somos, que são as mulheres que são da olaria, pra vim pra cooperativa né, pra virar artesã como eu, Raimundinha, Toinha, né, a Francisca, várias mulheres saíram da olaria para se tornar artesã” (SOUSA, 2019, s/p).

Segundo o relato dessas mulheres, elas foram introduzidas nas olarias antes de entrarem na escola para ajudar sua família na renda, e mesmo depois que passaram a frequentar o ambiente escolar permaneciam trabalhando na região no contra turno. O trabalho no "sol quente", como fazem questão de frisar, era recompensado com baixos valores em dinheiro, variando entre 2,50 e 4,00 reais por milheiro, ou seja, recebiam a cada mil tijolos carregados.

Raimunda Teixeira, a Raimundinha, que encabeçou a fundação da COOPERART-Poty, relata ter permanecido cerca de vinte anos trabalhando nas olarias. Agora, trabalhando na manufatura de objetos de barro, essas memórias de vida e de trabalho nas olarias estão presentes na cerâmica.

A mulher ceramista



Figura 6: A mulher ceramista.

Fonte: Arquivo pessoal Amanda Lima, 2019.

A peça de barro da mulher ceramista do Poti Velho possui um pote nas mãos. As trajetórias de vida dessas mulheres mudaram com a aprendizagem das técnicas de fabricação manual de objetos de argila. Inicialmente, a produção era composta essencialmente por potes e filtros e os trabalhadores masculinos eram aqueles que repassavam os conhecimentos para novos ceramistas, mantendo uma tradição de produção que durava décadas.

A tomada do espaço na manufatura de peças pelas mulheres implicou em uma mudança na cerâmica apresentada no Poti Velho. As novas técnicas aprendidas com cursos de capacitação e técnicos oferecidos por entidades públicas foi efeito da liderança feminina que encabeçou a busca de apoio para melhoria das condições de trabalho e de vida, e que produziram certa sofisticação das cerâmicas. Na COOPERART-Poty as peças passaram a expressar as intenções femininas.

Quando nós conseguimos o polo cerâmico eu disse "pronto os homens estão encaminhados, agora vamos cuidar das mulheres". E aí foi daí que a gente foi atrás de parceria [...] a gente conseguiu organizar esse grupo das mulheres, conseguimos divulgar o trabalho das mulheres e hoje a gente tem a cooperativa já com 39 mulheres né [...] (SILVA, 2019, p. s/p).

As ceramistas do Poti Velho são as mulheres que criam, fazem arte, inovam, estabelecem conexões entre tradição e inovação da cerâmica, elaborando peças para uso doméstico, decorativo, religioso, ornamentos, e etc. buscando o conhecimento de novas técnicas e formas de contar suas histórias de vida. São as mulheres que hoje sobrevivem da modelagem do barro.

A partir dos relatos femininos, percebemos que muitas mulheres deixam profissões anteriores para viver apenas da produção cerâmica. Suas narrativas confrontam o passado de pobreza com o presente. Para as mulheres, a cerâmica não é apenas uma fonte econômica, concerne um sentido de vida, autoestima, autonomia, um modo de expressão de suas realidades vividas, do cotidiano e do passado diante da cidade e da sociedade que se cala para suas histórias.

A mulher pescadora



Figura 7: A mulher pescadora.

Fonte: Arquivo pessoal Amanda Lima, 2019.

A mulher pescadora carrega um peixe nas mãos. O bairro Poti Velho fica localizado próximo ao encontro dos rios Poti e Parnaíba. A região já era foco de ocupação populacional antes da nomeação de Teresina como nova capital da Província do Piauí em 1852 por conselheiro Saraiva.

Anteriormente a esse período, os moradores já desenvolviam a pesca pela abundância de peixes, sendo uma das primeiras atividades praticadas e perdura até hoje no bairro Poti Velho. A tradição pesqueira é um demarcador da cultura local, por permitir a subsistência e ser fonte de renda para muitas famílias. É nesse sentido que muitas mulheres se inseriram na atividade.

As mulheres contam suas lembranças das labutas de pesca e suas memórias da família de pescadores: “[...] eu fiquei no grupo de pescadoras porque eu sou descendente de pescador, meu pai era pescador, meu marido é pescador, entendeu” (SOUSA, 2019, s/p). No bairro, é possível encontrar o Mercado do Peixe Manoel de Sousa Aguiar, destinado a venda de pescados. O nome de refere a um pescador que fundou e presidiu,

em 1952, a Colônia Z8 de Pescadores do Poti, com mais de 100 pescadores locais e contribuiu com ideias que deram base para os festejos religiosos de São Pedro, o padroeiro dos pescadores no Poti Velho.

A mulher religiosa

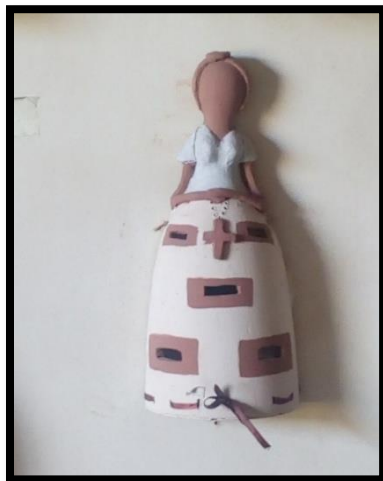


Figura 8: A mulher religiosa.

Fonte: Arquivo pessoal Amanda Lima, 2019.

A mulher religiosa carrega um terço de rezar nas mãos. Todos os anos, essas mulheres se unem a outros habitantes da região para celebrar a devoção ao santo protetor dos pescadores. Indicando a tradição religiosa em que as mulheres do Poti Velho estão imersas. No mês de junho ocorre os festejos de São Pedro, padroeiro dos pescadores. Essas práticas de religiosidade no bairro estão ligadas ao rio.

Tradicionalmente, entre os dias 20 e 29 de junho as festividades em homenagem movimentam os habitantes do Poti Velho. Se inicia uma procissão pelas ruas do bairro carregando a imagem de São Pedro. Também ocorre uma missa na capela de Nossa Senhora do Amparo, que fica na praça local do bairro. Cabe ressaltar que Nossa Senhora do Amparo é padroeira de Teresina, por isso, no centro da cidade há a igreja matriz que foi a primeira construção da capital, datada de 1852, e deu base para o alinhamento do resto da cidade.

Enfim, a imagem de São Pedro deixa a terra firme para ser levada em uma embarcação que segue pelo rio Paranaíba e Poti abrindo o caminho para os outros barcos onde os fiéis estão presentes acompanhando o cortejo. Depois a imagem de São Pedro retorna para o solo do bairro Poti Velho. Durante os festejos de São Pedro os moradores

vivenciam celebrações culturais e religiosas locais. A mulher religiosa conta a história de devoção da população Potiense.

A mulher das continhas



Figura 9: A mulher das continhas.

Fonte: Arquivo pessoal Amanda Lima, 2019.

Representada levando um colar de contas no pescoço. As continhas se inseriam no cotidiano de produção após uma visita de Raimunda Teixeira a Belo Horizonte participando de feiras de artesanato após a consolidação da ARCEPOTI, no final na década de 1990. O conhecimento do trabalho de continhas fez com que Raimundinha insistisse que o SEBRAE levasse um curso de bijuterias para a associação. Em 2004, grande contingente de mulheres se inseriu na atividade cerâmica produzindo continhas no decorrer dos anos seguintes.

[...] comecei fazer as minhas bijuterias né, fazendo “as bolinha” né, porque tudo aqui a gente começou a fazer as bijuterias né, as bolinhas de cerâmica e aí eu fui aprendendo e fui montando “os colar” e minha mãe como ela fazia parte aí ela pegava trazia “aqueles colar” né sabendo que era “os meu”, quando vendia ela levava aquele dinheirinho pra mim [...] (SANTOS, 2019, p. s/p).

A associação recebeu cerca de vinte e sete mulheres para aprenderem as técnicas de produção de continhas de barro para compor colares para a venda. Foi assim que a população feminina no trabalho cerâmico começou a crescer e como muitas mulheres deixaram de carregar tijolos de sol a sol, para fazerem as continhas. “A continha ela, ela é uma peça que representa todas nós né, a história das cooperadas” (FERNANDES, 2019, s/p). Algumas mulheres faziam as continhas e vendiam para a associação, outras

fabricavam as continhas e montava uma peça completa, colares, terços, pulseiras. As continhas marcam a renovação da cerâmica pela perspectiva da experiência feminina. E evidenciou uma maior participação feminina na modelagem do barro.

Considerações finais

Como salientou Funari (2010) a cultura material é mediadora de ações sociais. Neste sentido, duas características importantes podem ser atribuídas ao estudo da cultura material: o seu contexto (SHANKS; TILLEY, 1987), pois os artefatos não devem ser estudados isoladamente, e o da sua interpretação, uma vez que os objetos podem ser lidos (HODDER, 1988), não sendo, portanto, elementos estáticos desprovidos de agência (NAVARRO; GOUVEIA NETO, 2005).

A leitura dos artefatos deste artigo levou-nos a identificar que a entrada definitiva das mulheres no trabalho de produção com o barro permitiu a transformação significativa das peças cerâmicas e seus significados. Elas empreenderam uma busca por melhorias que resultou na organização político-social em entidades, a ARCEPOTI (1998) e a COOPERART-Poty (2006). A cooperativa só de mulheres dá início a um trabalho de memória e identidade social que imprime nas peças cerâmicas a história da mulher ribeirinha do Poti Velho. As peças deixam de se concentrar apenas em potes e filtros sem tintura, e passam a abundar figuras de mulheres multicolors.

A tradição religiosa, da pesca, do trabalho nas olarias, da cerâmica, está presente no conjunto de bonecas de barro das Mulheres do Poti. Elas possuem detalhes aplicados e desenhos que trazem as características representativas de cada mulher: um peixe, um tijolo, um colar de contas, um terço, um pote. A forma arredondada das saias é comum a cada peça da coleção, no entanto, cada elemento que compõe o todo da peça é diferente, quando consideramos a experiência de cada trabalhadora do barro. Estas peças estão, portanto, carregadas de agência (BARRETO, 2008) e evidenciam a forma como este grupo de mulheres se vê enquanto um grupo social coeso a partir do barro enquanto identidade social a que pertence.

POTI WOMEN: CERAMIC TRANSFORMATION AND FEMALE REPRESENTATIONS IN POTI VELHO, TERESINA, PIAUÍ

Abstract: This article proposes to understand the ceramic transformations of Poti Velho and female representations in the clay pieces of COOPERART-Poty, in Teresina, Piauí. To carry out the study, we used oral methodology, newspapers and photographs, in addition to field research to access ceramic objects. We seek to understand that transformations take place in Poti Velho ceramics, in addition to the existing relationships between cultural identity, social memory and material culture. We noticed that the pieces change as women master the ceramic work and develop a work that shows their identities, memories and life stories as a social group. The set of ceramic pieces by Poti Women represents the women inhabitants of Poti Velho: the potter, the ceramist, the fisherwoman, the religious and the women of beads.

Keywords: Women. Ceramics. Representations. Teresina.

MUJERES DEL POTI: TRANSFORMACIÓN CERÁMICA Y REPRESENTACIONES FEMENINAS EN EL POTI VIEJO, TERESINA, PIAUÍ

Resumen: Este artículo propone comprender las transformaciones cerámicas de Poti Viejo y las representaciones femeninas en las piezas de arcilla de COOPERART-Poty en Teresina, Piauí. Para llevar a cabo el estudio, utilizamos la metodología oral, periódicos y fotografías, además de investigación de campo para acceder a los objetos de cerámica. Buscamos comprender que las transformaciones tienen lugar en la cerámica de Poti Velho, además de las relaciones existentes entre identidad cultural, memoria social y cultura material. Notamos que las piezas cambian a medida que las mujeres dominan el trabajo cerámico y desarrollan un trabajo que muestra sus identidades, recuerdos e historias de vida como grupo social. El conjunto de piezas cerámicas de Mujeres del Poti representa a las mujeres que habitan el Poti Viejo: la alfarera, la ceramista, la pescadora, la religiosa y de las cuentitas.

Palabras-clave: Mujeres. Cerámica. Representaciones. Teresina.

Referências**Fontes**

ARTESÃOS do Poti Velho vencem a pobreza. **Diário Oficial do Piauí**, Teresina, ano LXXIV, n. 125, p. 001, 20 jul. 2005. Disponível em: <http://www.diariooficial.pi.gov.br/diario.php?dia=20050705>. Acesso em: 21 dez. 2019.

COOPERATIVA fortalece as artesãs do Polo Cerâmico. **Meio Norte**, Teresina, p. D3, 15 set. 2009. Disponível em: Acervo pessoal de Raimunda Teixeira da Silva. Acesso em: 26 set. 2019.

FERNANDES, Antônia Sales Souza. Entrevista concedida a Amanda Lima da Silva. Teresina, 14 dez. 2019.

MARTINS, Terezinha. Entrevista concedida a Amanda Lima da Silva. Teresina, 14 dez. 2019.

MUDANÇAS aumentam a produção no Poti Velho. **Meio Norte**, Teresina, p. D2, 06 mai. 2008. Disponível em: Acervo pessoal de Raimunda Teixeira da Silva. Acesso em: 26 set. 2019.

NASCIMENTO, Maria de Lourdes R. do. Entrevista concedida a Amanda Lima da Silva. Teresina, 15 dez. 2019.

SANTOS, Antônia Lisboa da Silva. Entrevista concedida a Amanda Lima da Silva. Teresina, 14 dez. 2019.

SERSE compra 2 mil filtros de artesãos. **Meio Norte**, Teresina, p. 3, 6 fev. 2002. Disponível em: Acervo pessoal de Raimunda Teixeira da Silva. Acesso em: 26 set. 2019.

SILVA, Raimunda Teixeira Da. Entrevista concedida a Amanda Lima da Silva. Teresina, 14 dez. 2019.

SILVA, Neli M. Soares da. Entrevista concedida a Amanda Lima da Silva. Teresina, 15 dez. 2019.

SOUSA, Maria Margarida de. Entrevista concedida a Amanda Lima da Silva. Teresina, 15 dez. 2019.

TERESINA (Município) Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação (Teresina). **Perfil dos bairros: Poti Velho**. Teresina: Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação, 2018. Disponível em: <https://semplan.teresina.pi.gov.br/wp-content/uploads/sites/39/2018/06/POTI-VELHO-2018.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2019.

VENDAS de cerâmica crescem 50%. **Diário do Povo**, Teresina, s/p, 05 mar. 2007. Disponível em: Acervo pessoal de Raimunda Teixeira da Silva. Acesso em: 26 set. 2019.

Bibliografia

BARRETO, Cristiana Nunes Galvão. **Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia Antiga**. 2008. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-30042009-095746/pt-br.php>. Acesso em: 25 mai. 2019.

BARRETO, Mauro Vianna. **Abordando o passado: uma introdução à Arqueologia**. Belém: editora Paka-Tatu, 2010.

BORGES, Kássia Valéria De Oliveira. **AS MULHERES CERAMISTAS DO MOCAMBO: A Arte de viver de artefatos ambientais**. 2017. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do

Amazonas (UFAM), Manaus, 2017. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/5947/8/Tese_K%C3%A1ssia%20V.%20O.%20Borges.pdf. Acesso em: 11 nov. 2019.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, vol. 5, n. 11, p. 173-191. 1991. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 20 dez. 2019.

COSTA, Carla Cristina Coêlho da. **A CERÂMICA DA BARRA: Transformações e Representações**. 2009. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp101955.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2010.

GANDARA, Gercinair Silvério. Teresina: a Capital sonhada do Brasil Oitocentista. **História (São Paulo)**, São Paulo, v.30, n.1, p. 90-113, jan./jun. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010190742011000100005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 19 dez. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: Do&A editora, 2001.

HODDER, Ian. **Interpretación en Arqueología**. Barcelona: Crítica, 1988.

LIMA, Ana Maria De. **Saúde e Segurança do Trabalhador do Barro em Arranjos Produtivos Locais: O caso do artesanato de barro nos bairros Olarias e Poti Velho na cidade de Teresina – Piauí**. 2011. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/104291>. Acesso em: 14 mai. 2020.

LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé. TERESINA: URBANIZAÇÃO E MEIO AMBIENTE. Texto publicado originalmente: **Scientia et Spes. Revista do Instituto Camillo Filho**, Teresina, v. 1, n. 2, p. 181-206. 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/308696850_TERESINA_URBANIZACAO_E_MEIO_AMBIENTE. Acesso em: 20 dez. 2019.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. A lenda do Cabeça-de-Cuia: estrutura narrativa e formação do sentido. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**. V. 7, n. 1. p. 151-160. Jan./jun. 2011. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/download/1920/1216/>. Acesso em: 20 mai. 2020.

MONTE, Catarina Nery da Cruz. **Artesanato Ceramista e Direitos Culturais Frente ao Programa Lagoas do Norte no Poti Velho em Teresina-PI: Quais Diálogos?** 2016. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016. Disponível em: [https://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/636/1.DISSERTA%](https://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/636/1.DISSERTA%20)

C3%87%C3%83O%20CATARINA%20NERY%20FINAL%20%281%29.pdf?sequence=1. Acesso em: 15 mai. 2020.

MONTE, C. N. C.; MORAES, M. D. C. Paisagem Cultural em (Re)Construção (Artesanato Ceramista, Direitos Culturais no Poti Velho, Teresina – PI. **Rev. FSA**, Teresina, v.13, n.4, art.13, p. 262-291, jul./ago. 2016. Disponível em: <http://www4.fsanet.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1079>. Acesso em: 19 dez. 2019.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)**. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2015.

NAVARRO, Alexandre Guida; GOUVEIA NETO, João C. (org.). **A escrita e o artefato como texto: ensaios sobre história e cultura material**. Jundiaí, Paco Editorial. 2016.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212. 1992. Disponível em: <http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2019.

PORTELA, Mugiany Oliveira Brito. **Extração de argila e suas implicações socioeconômicas e ambientais no bairro Olarias, em Teresina**. 2005. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br>. Acesso em: 22 dez. 2019.

ROLNIK, Raquel. **O que é Cidade**. Série Primeiros Passo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

SHANKS, M.; TILLEY, C. **Re-Constructing Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SILVA, Raimunda Teixeira da. Cerâmica artística e independência econômica. **Ideias em Gestão**, Faculdade AIEC, Brasília, ed. 5, p. 16-19. 2011. Disponível em: <https://www.aiec.br/revista/pdf-mobiles.asp>. Acesso em: 17 mai. 2020.

SILVAI, Suianny Alves; SCABELLO, Andréa Lourdes Monteiro. O Poti Velho: Uma Abordagem Etnoarqueológica. **Revista FSA**, Teresina, v. 10, n. 2, art. 4, p. 66-83, abr./jun. 2013. Disponível em: www2.fsanet.com.br/revista. Acesso em: 14 mai. 2019.

SOBRE OS AUTORES

Alexandre Navarro é doutor em Antropologia pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) com período sanduíche em Instituto Padre Sarmiento, Universidade de Santiago de Compostela; professor Associado II do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Maranhão (LARQ/PPGHIS/DEHIS/UFMA).

Amanda Lima da Silva é mestranda em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Recebido em 02/04/2020

Aceito em 22/06/2020